



Rumo à palavra certa: checagens e modalidade epistêmica no jogo discursivo de narrativas orais

Leda Verdiani Tfouni^{1*}, Anderson Carvalho Pereira² e Lineide Lago Salvador Mosca¹

¹Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Av. Maria Octavia Pichionni Villa, 71, 14021-047, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

²Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Itapetinga, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: lvtfouni@usp.br

RESUMO. Este trabalho investiga as manobras interpretativas que marcam a mobilização da memória discursiva (arquivo) em duas narrativas orais produzidas por uma mulher não alfabetizada. O enfoque procura apontar de que modo algumas perguntas interpostas ao fluxo narrativo - à maneira de checagens endereçadas ao interlocutor - marcam a heterogeneidade discursiva, na qual se fazem presentes pontos de fuga do fio narrativo, bem como a irrupção do estranhamento causado pela presença virtual do outro/Outro, com o que o sujeito-narrador deve lidar, através do uso da modalidade epistêmica. Foram analisadas seqüências dessas narrativas tomadas como glosas meta-enunciativas: comentários e checagens do sujeito-narrador que sinalizam sua maneira de sustentar a interlocução diante da contradição entre a heterogeneidade do arquivo letrado e a dimensão imaginária do Outro, calcada em saberes dominantes. Na medida em que se trata de um sujeito não alfabetizado demonstramos ainda de que modo essas manobras enunciativas estão afetadas pelo atravessamento dos discursos altamente letrados. A análise do uso da modalidade epistêmica foi feita considerando ainda os conceitos de arquivo e de clivagem do sujeito, da Análise de Discurso francesa e da Psicanálise. A análise enfatiza fragmentos de discurso em que o uso da modalidade epistêmica aparece sob a forma de glosa meta-enunciativa. (CNPq).

Palavras-chave: letramento, alteridade, heterogeneidade discursiva, argumentação.

Towards the correct word: checkings and epistemic modality in the discursive game of oral narratives

ABSTRACT. The interpretative strategies that highlight the mobilization of discursive memory (archive) in two oral narratives by an illiterate Brazilian woman are investigated. Focus shows the manner questions within the narrative chain emphasize discursive heterogeneity, or rather, types of checking addressed to the interlocutor, in which escapades from the story and strangeness caused by the other/Other's virtual presence, with whom the narrator has to deal by the use of epistemic modalities, are employed. Some sequences of narratives, known as meta-enunciation glosses, were analyzed. These include narrator's commentaries and checking that signalize the author's method to sustain interlocution within the contradiction between the heterogeneity of the literature archive and the Other's imaginary dimension based on dominant knowledge. Since the author-narrator is illiterate, it will also be demonstrated how the enunciation strategies are influenced by crossings of highly literate discourses. The use of epistemic modalities, foregrounded on the concepts of archive, the subject's cleavage, French Discourse Analysis and Psychoanalysis, will be analyzed. Current paper analyzes fragments of discourse in which the use of epistemic modality appears under a meta-enunciation gloss. (CNPq).

Keywords: literacy, alterity, discursive heterogeneity, argumentation.

Introdução

Este trabalho investiga as manobras interpretativas que marcam a mobilização da memória discursiva em narrativas orais produzidas por uma mulher não alfabetizada, da cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, Brasil. O enfoque é apontar de que modo algumas perguntas interpostas ao fluxo narrativo, à maneira de checagens endereçadas ao interlocutor, marcam a heterogeneidade discursiva, na qual se fazem

presentes pontos de fuga do fio narrativo, bem como a irrupção do estranhamento causado pela presença virtual do 'outro/Outro', com as quais o sujeito-narrador deve lidar, ao mesmo tempo em que o auxiliam na sustentação da autoria, através do uso da modalidade epistêmica.

Analisaremos duas seqüências retiradas de um *corpus* formado por narrativas orais contadas por 'dona' Madalena, uma mulher não alfabetizada, constituído por 34 narrativas, que foram coletadas e

transcritas em dois períodos distintos: entre o final da década de 1980 e início de 1990, e entre os anos de 2005 e 2007.

Em tais sequências, elegemos para a análise as denominadas ‘glosas metaenunciativas’ (AUTHIER-REVUZ, 1998): comentários, checagens feitas pelo narrador, que sinalizam a colocação em jogo de diversos saberes comprometidos com o Outro, ao mesmo tempo em que colocam em xeque a circulação dos saberes dominantes, pertencentes a um arquivo letrado. Como a narradora é analfabeta, teremos a oportunidade de analisar os estranhamentos que o discurso organizado da narrativa interpõe ao ato de narrar.

Aspectos teóricos

O estudo das modalidades tem sido objeto principalmente de três disciplinas: Lógica, Linguística e Semiótica, havendo uma tendência em integrar o resultado das indagações, e não em separá-las. A esse respeito, Darrault (1976, p. 3) afirma que “[...] dans le domaine de las modalités, il n’est plus guère possible d’imaginer de solution strictement monodisciplinaire”.

Tradicionalmente, o estudo das modalidades ocupa-se das ideias de possibilidade e verdade, que, por sua vez, relacionam-se aos conceitos de proposições sintéticas (aquelas que são contingentemente verdadeiras) e analíticas (as que são verdadeiras em todos os mundos possíveis). As sintéticas relacionam-se à possibilidade, e as analíticas relacionam-se à necessidade do evento ou estado de coisas descrito pelas proposições. A formalização da necessidade e da possibilidade envolve três tipos de modalidades: a alética, a epistêmica e a deôntica.

É importante marcar que as modalidades linguísticas (lexicalizadas pela linguagem-objeto) caracterizam-se pela polissemia, como se pode ver em: ‘Ele deve vir’, que possibilita diversas leituras aléticas, epistêmicas e deônticas: ‘É necessário que ele venha’; ‘Ele tem obrigação de vir’; ‘É possível que ele venha’; ‘É provável que ele venha’; ‘É certo que ele virá’. Tal fato prende-se ao caráter arbitrário do signo.

Interessa-nos aqui as modalidades epistêmicas, por servirem lexicalmente para exprimir a certeza e a incerteza, tema deste trabalho. Segundo Lyons (1977, p. 793), tal modalidade “[...] deals with the logical structure of statements which assert or imply that a particular proposition, or set of propositions, is known or believed”. Incluem-se aí as atitudes proposicionais lexicalizadas como ‘saber’, ‘acreditar’, ‘duvidar’ palavras que denotam, em maior ou menor

escala, o grau de comprometimento do falante com a ‘verdade’ expressa pela proposição. A fim de tornar o conceito ‘modalidade epistêmica’ mais claro, Tfouni (1986) propõe o seguinte critério: devem ser consideradas epistêmicas as construções que contenham uma avaliação do falante sobre o fato enunciado. Assim, o que é colocado em questão não é o fato em si, mas a crença pessoal do enunciadador acerca dos conteúdos expressos pelo enunciado, ou seja: aquilo que o sujeito pensa que o fato é. Decorre daí que o uso das modalidades epistêmicas estabelece um vínculo entre o enunciadador e seu enunciado, onde está em jogo o comprometimento do sujeito com a ‘verdade’ dos fatos expressos no enunciado, ou então com o (des)conhecimento desses fatos.

A relação entre as modalidades epistêmicas e o arquivo torna-se evidente quando tomamos a definição de arquivo para a Análise do Discurso (AD). Segundo Pêcheux (1997, p. 56-57, grifo do autor):

[...] os conflitos explícitos remetem em surdina a clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes de ler o arquivo (entendido aqui como ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’).

O termo ‘clivagem’, sob a ótica da AD e da Psicanálise, significa separação radical e incontornável, o que podemos relacionar com a divisão social em classes, e a distribuição desigual de conhecimento que se estabelece como resultado. Sabe-se que tomar a palavra é um ato político, que não é exercido livremente. Há, no imaginário social, ideologicamente regrado, uma divisão entre os que detêm o conhecimento (os mais letrados, que podem discursivizá-lo), e os que não têm acesso ao arquivo letrado (e, por mecanismos sutis de controle, são proibidos de ocupar certas formações discursivas que veiculam aquele conhecimento). Segue-se daí que o acesso ao arquivo, e sua leitura, não estão à disposição de todos, fato que acentua a divisão (clivagem) entre classes, e a disputa surda pelo conhecimento.

Ao lado de um arquivo sobre o mundo que poderíamos aqui denominar de letrado, existem outros, muitos deles subterrâneos, ignorados por muitos, desprezados até, que circulam entre os povos destituídos da escrita. Tais clivagens vêm colocar que em todo discurso há outro, um ‘estranho’ com o qual é preciso lidar utilizando de manobras discursivo-argumentativas. Construído mais com base em um imaginário do que propriamente nos dados da realidade, esse outro/Outro interpõe entre o sujeito e seu dizer o campo do não inteligível. Certeau (1994) afirma, a respeito, que o outro, a alteridade, lança o ‘mesmo’

nos territórios da ‘diferença’, rompendo o mundo calmo das certezas, criando, como consequência, a necessidade de compreensibilidade. A certeza e a incerteza (a dúvida) coexistem quando se trata dos usos cotidianos da língua. Há um confronto entre práticas orais e letradas, que, no dizer de Gadet e Pêcheux (2004) produz uma espécie de subversão social ou ‘dispersão anagramática’, e isso ocorre quando a ‘massa toma a palavra’: uma inovação neológica e uma transcategorização sintática que induzem na língua uma gigantesca agitação, a qual é comparável àquela realizada pelos poetas, embora em menor dimensão. Essas ‘novidades’ surgidas na própria língua impelem à pesquisa e nos obrigam a confrontar um sujeito que não se cala e, por isso, atrapalha.

Nos recortes de narrativas orais que serão analisados a seguir, privilegiaremos esses momentos de embate entre dois saberes, que, na estrutura da língua, são indiciados pelo uso de modalidades epistêmicas, que aparecem sob a forma de glosas metaenunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1995), ou comentários feitos pelo sujeito-narrador, que indiciam um estranhamento com relação ao campo semanticamente estabilizado dos arquivos (PÊCHEUX, 1997). A função dessas ocorrências é de assegurar um modo particular de sustentar a circulação de outros saberes, que provocam rupturas à formação discursiva dominante (letrada), saberes que permitem ao sujeito ocupar posições discursivas de resistência.

As perguntas de checagem endereçadas ao interlocutor fazem parte desse jogo político do saber. Embora não haja um conhecimento que seja mais verdadeiro, os sentidos se enlaçam conforme um jogo de poder entre o sujeito-narrador e as formações imaginárias emergentes no que ele imagina que o interlocutor acha que seja possível (ou impossível) dizer, para sustentar o fio narrativo. Cria-se uma cena discursiva que tanto pode ser de negociação, quanto de embate, entre saberes dissidentes.

Sabendo que a argumentação está presente em todo e qualquer discurso, em maior ou menor grau, subjacente a todo ato de interlocução, pode ela alimentar uma argumentação do tipo colaborativo, que se dá por negociação, ou então pelo confronto de discursos que se chocam, suscitando contradiscursos numa atitude de resistência ao que se postula inicialmente.

Parte-se do princípio de que onde há polêmica e conflito, há argumentação, uma vez que os parceiros da interlocução são capazes de reagir e de exercer a possibilidade de refutação (*a refutatio*), ainda quando impedidos de fazê-lo por razões sociais e políticas.

Muitas vezes é o silêncio que torna significativa a não manifestação de uma das partes envolvidas na cena enunciativa que se apresenta. Não sendo simétricas as relações nela implicadas, desenvolve-se um jogo de forças que pode ir até uma ‘quebra de braços’.

As situações preocupantes são, entretanto, aquelas sub-reptícias, que não se declaram como tais, mas que uma leitura dos mecanismos que as constituem são trazidos à tona, por constituírem manobras de ocultamento ou de escamoteamento, grande parte das vezes. Percorre-se, então, desde o espaço das falácias, tomadas como má fé ou perversidade, até os procedimentos mais sutis das alusões, insinuações e ironias, que trazem em seu bojo os conhecimentos compartilhados pelas coletividades em questão, ou seja, seu universo de crenças e de lugares comuns.

De qualquer forma, trata-se de estratégias discursivo-argumentativas com vistas à execução dos propósitos que se tem em mente e com as quais se pretende o êxito dos objetivos a alcançar. O que não se faz ver claramente por esses expedientes deliberados, torna-se recuperável pelas manifestações que as brechas do discurso deixam entrever e que irão compor o sentido global do discurso, incluindo elementos da cena enunciativa, também reveladores, os pressupostos em que repousa, os ‘lugares’ sócio-históricos que não só constituem um pano de fundo, mas se inserem nas opiniões e tomadas de decisões decorrentes.

Segundo MOSCA (2007, p. 304), perceber as estratégias retóricas equivale a ter acesso à interpretação, ou seja, a chave do sentido. Entra aqui a questão da identidade dos interlocutores, das representações mútuas que se fazem uns dos outros, incluindo-se aí o processo de estereotipagem, assim como os valores culturais sob os quais transitam as práticas discursivas e suas determinações de poder.

Análise

Conforme foi dito acima, serão analisados três recortes, que compõem sequências discursivas de referência (SDR), retirados de duas narrativas orais criadas por um sujeito analfabeto (os títulos são, respectivamente, *Joãozinho Ladrão* e *Três Filhos Gêmeos*). Pretendemos assinalar ali lugares na materialidade linguístico-discursiva em que a certeza e/ou a incerteza emergem. Vamos mostrar que há, nesses acontecimentos, uma construção virtual do sujeito-narrador, por meio de questões endereçadas ao outro (interlocutor) e ao Outro (interdiscurso), que podem seguir estratégias discursivas daquele sujeito para contornar a heterogeneidade constitutiva.

Em certa medida, a análise tenta apontar as estratégias enunciativas articuladas em lugares imprevisíveis e singulares da não coincidência do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998) e indiciados por gestos de leitura que o sujeito-narrador opera sobre o próprio fio narrativo, por meio de glosas metaenunciativas. Vejamos:

SDR 1- O rei ia mandá ele lá pra matá. Pra não casá com a princesinha. E ele vestiu de véio sem falá pro rei, sem nada. E arranjô um... um... uma capanga assim de raiz de durmidera e pôis aqui assim. E arranjô bastante gengibre tamém... gengibre de fazê quentão e pois de lado. E foi. E pareceu lá, aquele veinho feio lá na porta do... do quartel. Aí, o... o... [- 'Vô falá o delegado, que eu não sei quem é' - explica-sc.] O delegado veio e falô: '.....'. (Joãozinho Ladrão).

Nota-se que o fio narrativo (o intradiscurso) é interrompido diante da não coincidência entre 'delegado' e 'quartel'. Assim, temos uma 'quebra' de expectativa, uma não correspondência entre 'porta do... do quartel' e 'vô falá o delegado, que eu não sei quem é'. Com a diferença marcada entre 'quartel' e 'delegado', pontuada pelo sujeito-narrador por suas hesitações, temos pelo menos duas substituições que mobilizam a naturalização da nomeação: primeiramente, 'quartel' está no lugar de 'delegacia' e, como segunda substituição temos 'delegado' no lugar de qualquer cargo militar do exército (vamos supor que seja 'coronel'). Cria-se, assim, um espaço de deriva, onde são possíveis pelo menos quatro combinações: quartel-delegado; quartel-coronel; delegacia-delegado; delegacia-coronel.

SDR 2- Fizero uma festa, o moço tá oiando, num era ele, era só irmão daquele que morreu. Aí, aí quando foi pa posá, foro dormi, junto. A moça. Aí eles foro dormi junto, aí o irmão dele chegô ['ele num era o Joãozinho, 'cê sabe qui num era, né?' Pode sê o Zezinho, né?' dirige-se ao entrevistador.] O Zezinho chegô, pois a moça, pois a moça dormi aqui, atravessô a espada dele aqui, assim pa cá, ele travessô a ispada e ele durmiu pra lá. (Três Filhos Gêmeos).

SDR 3- E você, José, o que cê vai levando? Ele falô assim: - Eu? A minha deproma... eu vô levando um sapato bunito de camurça pra minha mãe! [' - Não sei falá muito bem. Entende, né?'] De camurça, que eu fiz pa minha mãe e vô levano tamém... fiz tamém otro pra minha tia e fiz um lindo chinelo pa minhas... pa minhas irmã. E eu vô levando... eu não vô levando muita coisa não, mas o que eu vou levando é isso aí. E... e... eu vô levando também uma butina muito bunita, que eu fiz pro meu pai. E vou levando a deproma pro meu pai vê que eu premdi mesmo. (Joãozinho Ladrão)

Nestas duas últimas sequências, o destaque está no fato de que o sujeito-narrador impede a aparição de uma forma relatada do discurso do Outro, no momento em que diz "[...] num era, né" e "Entende, né?", para inserir uma dramatização dessa presença do Outro, como se ela pudesse ser 'congelada' (no sentido do que Authier-Revuz (1995) aponta como 'dé-figement', grosso modo, um 'congelamento' da presença do Outro).

O efeito produzido é de que o sujeito-narrador constrói um sentido de certeza que apaga o desnível de conhecimento ali mobilizado e que se mostra a seu favor, naturalizando uma forma de nomear.

Trata-se de uma construção enunciativa revestida de notável implicação do sujeito-enunciador, em que há

[...] cette configuration énonciative comme celle d'un dédoublement du dire d'un fragment X par un auto-commentaire prenant en compte les mots du dire (AUTHIER-REVUZ, 1995, p. 17).

Trata-se de um desdobramento do dizer que não vai além de uma obrigatoriedade de o enunciado ter que se haver consigo mesmo, por meio da implicação às próprias palavras usadas. Neste caso, nota-se o destaque às não coincidências entre relação entre coisa e nomeação, que, conforme Authier-Revuz (1995) é uma das possibilidades em que se implicar no próprio dizer ocorre pelo uso de comentários sobre palavras que sustentam a ilusão de rompimento do sentido, ao mesmo tempo em que fazem uso de efeitos de literalidade, uso este que dribla o escape à polissemia.

É o caso da modalização entorno ao uso do significante 'delegado'. A modalização 'que eu num sei quem é' em destaque requer do interlocutor tanto a mobilização de um sentido literal para 'delegado' quanto permite que mesmo que não seja designado no fio narrativo de maneira precisa 'quem é o delegado de que se trata', haja a despeito deste escape ao equívoco, a continuidade do dizer.

No caso das narrativas, esses efeitos de pré-construído estão ligados a apoios que o sujeito-narrador faz no seu modo de construir o outro virtual para sustentar o fio narrativo, outro este que autoriza e legitima, ou não, suas reflexões meta-enunciativas em relação a um saber não sabido; compartilhado sob a forma de evidência e disfarce que possibilita uma leitura singular do arquivo.

Por meio de modalizações epistêmicas- entendidas como mecanismos enunciativos complexos (comentários, checagens) - o sujeito-narrador, a fim de assegurar o controle da interpretação, promove manobras argumentativas, por meio de um efeito de estranhamento da cadeia significante, colocando em xeque o compartilhamento e a divisão da leitura dos arquivos.

Em termos discursivos, a clivagem do sujeito marcada pelo vacilo e a dúvida, no plano da enunciação, é atravessada pelo determinante político, pois é correlata da divisão social do trabalho de interpretação do arquivo (PÊCHEUX, 1997).

Por meio deste modo singular, por meio do qual, o sujeito-narrador mostra-se cindido, diante do enfrentamento da divisão da leitura do arquivo resultam dois modos de resistência caros ao sujeito-narrador: primeiro, podemos afirmar que a veiculação da questão formulada na esfera da enunciação se dá por meio da colocação em xeque dos saberes dominantes. Isto demonstra uma ruptura na crença de que o jogo dos sentidos é apanágio dos discursos altamente letrados.

Decorrente deste primeiro gesto de resistência, temos como segunda forma de resistência, a valorização dos usos cotidianos da língua, que, em sua complexidade, marcam o valor das determinações do inconsciente e do político e rompem com a crença naturalizada de que a construção de hipóteses sobre a língua e seus usos está diretamente relacionada ao tempo de escolaridade ou ao grau de escolarização (TFOUNI, 1992, 2010).

De modo geral, mesmo com suas determinações ideológicas, essas formas de comentários contribuem para contornar pontos do real por meio de um funcionamento discursivo que possibilita uma tomada de posição discursiva do sujeito-narrador, a qual se sustenta em dois pontos: na tentativa de apontar a assertividade de um saber que o sujeito-narrador 'domina' e do qual é refém, e no estranhamento de formas do saber que lhe são caras, pois o põe em suspenso entre o não saber e o saber (contingência), e obriga-o a lidar com a falta simbólica pelo uso da modalidade. Ao enunciar 'eu não sei', o sujeito se coloca diante de outro/Outro que ele imagina que sabe, como atesta o segmento 'entende, né?'. No entanto, por uma manobra argumentativa, o sujeito coloca o interlocutor empírico como testemunha e cúmplice desse não saber, como atestam os segmentos 'entende, né?', 'cê sabe qui num era, né?'

Essas são as trampolinagens do cotidiano, de que nos fala de Certeau (1994). Comentando este autor, Sousa Filho (2002, p. 21) pergunta:

Como agir na desigualdade com os poderosos? Como agir face à força do sistema, mas sem confrontá-lo? Com sua 'teoria das práticas cotidianas', Michel de Certeau (2001) trouxe para o centro da análise sociológica do cotidiano práticas desdenhadas por intelectuais dogmáticos e puristas como 'secundárias', 'sem importância', juntando-se a uma produção teórica que valoriza a análise da vida

cotidiana, ainda que sob prismas divergentes. O autor focaliza as 'artes de fazer', dos subterfúgios, apontadas posteriormente por Certeau como invenções cotidianas que marcam o jogo das relações com a ordem e dos indivíduos entre si. Que são as 'astúcias', a arte da 'trampolinagem' senão versões do 'estranho' ao sistema? Mas 'estranho' que nenhum homem ignora, seja na versão da experiência mística (da possessão, do êxtase, da bruxaria), seja na loucura, seja nos pequenos atos transgressivos anônimos (grifos do autor).

De Certeau faz referência aos intelectuais que trabalham em uma zona de resistência às imposições ideológicas das ciências régias, dedicam-se principalmente a estudar aquilo que retorna simbolicamente (no discurso) do que foi recalcado no real da luta de classes, às vozes silenciadas e veladas: a

[...] dominação de uma economia sócio-cultural, a organização de uma razão, a escolarização obrigatória, o poder de uma elite e, enfim, o controle da consciência esclarecida.... Diz o autor: Conheço pesquisadores habilidosos nesta arte do desvio que é um retorno da ética, do prazer e da invenção à instituição científica [...] muitas vezes levando prejuízo, tiram alguma coisa à ordem do saber para ali gravar 'sucessos' artísticos e ali inserir os *graffiti* de suas dívidas de honra. (CERTEAU, 1994, p. 101, grifo do autor)

Situando-nos por identificação com o trabalho de resistência descrito, acrescentamos que a tarefa que nos cabe ainda é de considerar de que modo essa desigualdade envolvida com o real da história articula formas míticas (enigmas) que são incorporados na construção de narrativas orais produzidas por uma mulher não alfabetizada, por meio da alienação aos sentidos dominantes e de estratégias de construção de um saber próprio sobre a língua que serve de contradiscurso aos discursos dominantes (PEREIRA, 2009).

Dentre essas estratégias, encontram-se perguntas endereçadas ao interlocutor que funcionam como checagens, ratificações, testagens e que, em última instância funcionam como a delimitação de uma zona de fronteira discursiva necessária à autoria e que se sustenta, nas SDRs apresentadas, pela mobilização da modalidade epistêmica.

Em meio à movimentação dessas, o estatuto das questões formuladas pelo sujeito-narrador toca pontos do real já que elas emergem por meio de uma contingência que toca o impossível (conforme aparenta serem essas sequências os únicos caminhos possíveis para o sujeito enunciar).

São ainda modos de elaborar subjetivamente os sintomas ideológicos da separação entre

subjetividade e objetividade e entre verdade e falsidade (PÊCHEUX, 1993) na partilha do conhecimento e na distribuição dos sentidos.

Considerações finais

O reconhecimento dessa dimensão do real somente indica que há algo que escapa aos sujeitos, nas suas ilusões de controlar a língua, e que impede determinadas leituras do arquivo, ao mesmo tempo em que contribui para reorganizar o movimento de vários sentidos implicados em questões, a saber: ser ou não ser alfabetizado; ter mais ou menos capacidade; saber mais ou menos; formas de contribuição na construção dos conhecimentos (incluindo tecnologias como a alfabetização, as mídias) e no reconhecimento de outras formas de participação social (contar histórias, por exemplo). Ou seja, há um giro discursivo tal que possibilita ao sujeito romper com algumas formações imaginárias pertinentes inclusive à sua história interativa (que não cabem, nem é propósito analisá-las aqui) e às filiações ideológicas que giram em torno de sua condição de não alfabetizado, para sinalizar o modo singular de sua prática de contar histórias colaborar com uma pesquisa acadêmica ou sustentar um reconhecimento social dirigido à sua forma singular de emergir pela linguagem, o que possibilita o movimento das práticas letradas a que nos referimos.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Méta-énonciation et (dé)figement: le préfabriqué et l'imprévu du dire. **Cahiers du Français Contemporain**, 'La locution en discours', v. 1, n. 2, p. 17-39, 1995.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: Unicamp, 1998.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer; Petrópolis: Vozes, 1994. p. 99-100.
- DARRAULT, I. Présentation. **Langages**, v. 2, n. 43, p. 3-9, 1976.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na História da Linguística. Campinas: Pontes, 2004.
- LYONS, J. **Semantics**. New York: Cambridge University Press, 1977. v. 2.
- MOSCA, L. L. S. O espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 2, n. 9, p. 293-310, 2007.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In.: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Unicamp, 1997. p. 55-67.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1993.
- PEREIRA, A. C. **Mito e autoria nas práticas letradas**. 2009. 332f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.
- SOUSA FILHO, A. Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do cotidiano. **Sociabilidades**, v. 2, n. 2, p. 129-134, 2002.
- TFOUNI, L. V. **Adultos não-alfabetizados**: o avesso do avesso. 1986. 239f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e analfabetismo**. 1992. 180f. Tese (Livre docência)-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1992.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Received on May 7, 2013.

Accepted on June 25, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.